

DOI: 10.20911/21799024v15n1p134/2024

A Celebração dos Sacramentos numa Igreja Sinodal

The Celebration of the Sacraments in a Synodal Church

Rodrigo Ferreira da Costa, SDN¹

Resumo: A liturgia é por excelência o lugar da expressão da sinodalidade da Igreja. Na assembleia reunida pelo Santo Espírito para celebrar o memorial pascal de Cristo e, com Cristo, render louvores a Deus Pai, torna-se visível a unidade e a comunhão da Igreja, Povo de Deus. Pois, se a ação litúrgica da Igreja, pela força do Espírito Santo, tem o poder de transformar num só corpo, uma multidão de pessoas singulares, podemos afirmar que nela se expressa de modo visível a sinodalidade da Igreja, que na sua ministerialidade, forma um só Povo fiel de Deus, na participação, na comunhão e na missão. Nesse breve artigo vamos pontuar algumas questões que dizem respeito à celebração dos sacramentos numa Igreja sinodal, buscando compreender a liturgia como ação do Cristo-Igreja; a liturgia como expressão da sinodalidade da Igreja e, por fim, aceitar o convite para entrarmos na “escola” da Sagrada Liturgia e, aprender com ela, o caminho de uma Igreja sinodal.

Palavras-chave: Liturgia; Ministerialidade; Igreja sinodal; Povo de Deus.

¹ Mestrando em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), **Pós-Graduação** em formação para Seminários e Casa de Formação (Faculdade Dehoniana), Bacharelado em teologia (FAJE); Licenciatura em filosofia (ISTA), membro do grupo de pesquisa “**Fé cristã e contemporaneidade**” (FAJE). e-mail: rodrigolajinha@yahoo.com.br

Abstract: The liturgy is par excellence the place for expressing the synodality of the Church. In the assembly gathered by the Holy Spirit to celebrate the Paschal Memory of Christ and, with Christ, to give praise to God the Father, the unity and communion of the Church, the People of God, becomes visible. Therefore, if the liturgical action of the Church, by the power of the Holy Spirit, has the power to transform into a single body, a multitude of individuals, we can affirm that in it the synodality of the Church is visibly expressed, which in its ministeriality, forms one faithful People of God. In this brief article we will highlight some issues that concern the celebration of the sacraments in a synodal Church, seeking to understand the liturgy as an action of Christ-Church; the liturgy as an expression of the synodality of the Church and, finally, accept the invitation to enter the "school" of the Sacred Liturgy and, learn from it, the path of a synodal Church.

Keywords: Liturgy; Ministeriality; Synodal Church; People of God.

Introdução

A liturgia é o lugar por excelência da expressão da sinodalidade da Igreja. Reunidos em torno do Altar², formamos a Igreja viva que é continuamente nutrida pela Palavra "viva e eficaz" (Hb 4,12) e pelo Pão santo e verdadeiro descido do céu (Jo 6,51). Palavra que faz arder os corações e Pão partido que abre os olhos para reconhecer Cristo presente entre nós e nos outros (Lc 24,13-35).

Na assembleia reunida pelo Santo Espírito para celebrar o memorial pascal de Cristo e, com Cristo, render louvores a Deus Pai, torna-se visível a unidade da Igreja, povo de Deus. Conforme enfatiza a Introdução Geral do Missal Romano (n. 96): "Formem um único corpo, seja ouvindo a Palavra de Deus, seja tomando parte nas orações e no canto ou, sobretudo, na oblação comum do sacrifício e na participação da mesa do Senhor. Tal unidade se manifesta muito bem quando todos os fiéis realizam em comum os mesmos gestos e assumem as mesmas atitudes externas."

Se a ação litúrgica da Igreja, pela força do Espírito Santo, tem esse poder de transformar num só corpo, uma multidão de pessoas singulares, podemos afirmar que nela se expressa de modo visível a comunhão sinodal da Igreja, que na sua ministerialidade forma um só Povo fiel de Deus. Pois na sagrada Liturgia, "Cristo está realmente presente tanto na assembleia reunida em seu nome, como na pessoa do ministro, na sua Palavra, e, também, de modo substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas" (IGMR, n.27). Por isso, há que se afirmar que existe um vínculo inseparável entre a liturgia e a Igreja, "comungar numa eucaristia é comungar numa Igreja" (SESBOÛÉ, 2009, p.184).

Nesse breve artigo vamos pontuar algumas questões que dizem respeito à celebração dos sacramentos numa Igreja sinodal, buscando compreender a liturgia como ação do Cristo-Igreja; a liturgia como expressão da sinodalidade

2 Os nossos espaços litúrgicos nem sempre favorecem essa visibilidade circular da Igreja, na qual Cristo/Altar está no centro e todo povo fiel de Deus, presidente e assembleia, estão em torno d'Ele.

e, por fim, aceitar o convite para entrarmos na “escola” da Liturgia e aprender com ela, o caminho de uma Igreja sinodal.

1. A liturgia como ação do Cristo-Igreja

A liturgia apresenta-se como a ação mais importante da Igreja³, pois coroa a obra da salvação de Cristo, tornando-a presente na vida eclesial; além disso, quando a Igreja celebra a liturgia, ela está exercendo o *múnus* sacerdotal de Cristo e antecipando a liturgia celeste. Pois, a liturgia, antes de ser a ação da Igreja diante de Deus, é a ação de Cristo na Igreja.

Pela liturgia, “principalmente no divino sacrifício da Eucaristia se exerce a obra de nossa Redenção” (SC, n. 2). A liturgia é, pois, o centro da vida cristã e não um simples ornamento ou enfeite dos quais a vida cristã poderia se abdicar. Como afirma Pio XII, “não têm, pois, noção exata da sagrada liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos” (MD, n.22).

Na compreensão do Concílio Vaticano II, a vida cristã só existe porque existe liturgia. Ela é a “fonte da qual emana toda a força da Igreja” e, ao mesmo tempo, “o cume para o qual tende toda a sua ação” (SC, n. 10). A liturgia é, pois, por excelência, o lugar do encontro com Cristo. “Na Eucaristia e em todos os Sacramentos, é garantida a nós a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pelo poder da sua Páscoa” (DD, n. 11).

A liturgia “como exercício da função sacerdotal de Cristo simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus a Culto público integral” (SC, n. 7). No *múnus* sacerdotal de Cristo dá-se um duplo movimento: um *catabático*, ou seja, Deus vem gratuitamente ao encontro do ser humano para salvá-lo; outro *anabático* que diz respeito à resposta humana, em Cristo, à ação salvadora de Deus. Ao Deus que dá a santidade, nós lhe respondemos com o culto, a adoração, criando assim, uma relação dialogal entre Deus e o seu povo._

A obra da Salvação, prenunciada por Deus através dos patriarcas e profetas (Hb 1,1-4) foi plenamente realizada em Cristo, Palavra encarnada, pelo qual, deu-se o perfeito cumprimento da nossa reconciliação e nos foi comunicada a plenitude do culto divino. Tal ação salvífica de Deus para a humanidade foi completada por Cristo, especialmente pelo Mistério Pascal (Paixão-Morte, Ressurreição, Ascensão e Pentecostes); “por este Mistério, Cristo morrendo, destruiu a nossa morte e, ressurgindo, deu-nos a vida” (SC, n. 5).

Da mesma forma que Jesus Cristo é enviado pelo Pai, Ele envia os seus apóstolos para anunciarem a Boa Notícia do Reino e colocarem em prática a obra

3 A Sacrosanctum Concilium lembra que “a sagrada liturgia não esgota toda a ação da Igreja [...]. Contudo, a liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força” (SC. n. 9 e 10).

da Salvação através da Eucaristia e dos sacramentos. Uma vez inserida neste Mistério pelo Batismo, a humanidade torna-se verdadeira adoradora do Pai “em espírito e verdade” (Jo 4,23) como o foi Jesus.

Para levar a cabo essa tão grande obra, “Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas” (SC, n. 7). A presença de Cristo na liturgia pela ação do Espírito Santo forma a Igreja, corpo de Cristo, pois é por meio dele que toda a comunidade eclesial presta culto ao Pai. Assim a Igreja continua a obra salvífica de Cristo e a realiza na liturgia. Pois a liturgia é a perpétua realização do Mistério Pascal de Cristo.

Esperando a vinda gloriosa de Cristo, a Igreja, peregrina neste mundo rumo à “Jerusalém celeste”, celebra a *liturgia terrena* antecipando o gozo da *liturgia celeste*; prestando um louvor com todo o céu, almejando um dia fazer parte da comunhão dos Santos e Santas de Deus. Desta forma, a Igreja “presencializa” a obra da salvação no Mistério Pascal de Cristo celebrando na esperança escatológica da glória celeste.

2. A liturgia como expressão da sinodalidade da Igreja

A sagrada Liturgia é a expressão viva da sinodalidade da Igreja. Reunido em torno do Altar, a totalidade do Povo de Deus, fiéis e pastores, formam um único corpo em Cristo Jesus⁴. Como nos recorda a Introdução Geral do Missal Romano,

Na celebração da Missa os fiéis constituem o povo santo, o povo adquirido e o sacerdócio régio, para dar graças a Deus e oferecer o sacrifício perfeito, não apenas pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele, e para aprender a oferecer-se a si próprios. [...] Por isso, evitem qualquer tipo de individualismo ou divisão, considerando sempre que todos têm um único Pai nos céus e, por este motivo, são todos irmãos entre si (IGMR, n. 95).

Assim sendo, a liturgia se torna o antídoto contra o veneno do “mundanismo espiritual” expresso em duas heresias antigas, mas que continuam presente na vida e na missão da Igreja, a saber: o gnosticismo e o neopelagianismo⁵. Pois, “se o gnosticismo nos intoxica com o veneno do subjetivismo, a Celebração Litúrgica nos liberta da prisão de uma autorreferencialidade alimentada pela própria razão ou sentimento: a ação celebrativa não pertence ao indivíduo; mas, sim, a Cristo-Igreja, à totalidade dos fiéis unidos a Cristo” (DD, n. 19). Noutras palavras, o ministro que preside a celebração não é “dono” da ação litúrgica da Igreja, mas deve estar a serviço dela (IGMR, n. 24). Como nos lembra o Papa Francisco: “a Liturgia não diz ‘eu’, mas ‘nós’, e qualquer limitação da amplitude desse ‘nós’ é sempre demoníaca” (DD, n. 19).

4 Como nos educa a *lex orandi* da Igreja: “Lembraí-vos, ó Pai, dos vossos filhos e filhas N.N. e de todos os que circundam este altar, dos quais conheceis a fé e a dedicação ao vosso serviço. Por eles, nós vos oferecemos e também eles vos oferecem este sacrifício de louvor por si e por todos os seus...” (Oração Eucarística I).

5 O Papa Francisco fala da tentação do “mundanismo espiritual” na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (n.93-97).

Se por um lado, a liturgia nos livra do clericalismo autorreferencial, ela também nos liberta da presunção neopelagiana de buscar a salvação por nossas próprias forças. “A celebração Litúrgica nos purifica, proclamando a gratuidade do dom da salvação recebida na fé [...]. A Liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético: é o dom da Páscoa do Senhor que, acolhido com docilidade, faz nova a nossa vida” (DD, n. 20).

É importante enfatizar que “o sujeito que age na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo” (DD, n.15). Pois “ninguém conquistou um lugar naquela Ceia, todos foram convidados, ou melhor, atraídos pelo desejo ardente que Jesus teve de comer aquela Páscoa com eles” (DD, n. 4). Neste sentido, é preciso compreender o ministério da presidência não como alguém que celebra para o povo, mas como aquele que celebra com o povo, para Deus. “Portanto, quando celebra a Eucaristia, ele [o ministro que preside] deve servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade, e, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas, sugerir aos fiéis uma presença viva de Cristo” (IGMR, n. 94).

Se em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (Mt 28,19), essa vocação de ser Povo de Deus, torna-se mais visível na celebração dos sacramentos, principalmente na Santa Missa, na qual, a assembleia celebrante⁶ compreende a beleza da ministerialidade da Igreja. “Cada sacramento – se for verdadeiramente sacramento – tem sempre mais do que um ministro: tem um só ministro que preside, mas tem uma articulação de ministérios, uma organicidade ministerial necessária e estrutural” (GRILLO, 2018, p.161).

Podemos dizer, portanto, que a liturgia é uma das expressões mais nítidas daquilo que somos pelo batismo, Povo de Deus. Como afirma Andrea Grilo, “quando se celebra a Eucaristia todos somos uma só coisa: alguém preside, alguém lê, alguém toca, alguém acolhe, alguém leva os dons, mas todos realizam uma só ação da Igreja [...]. Todos tomam parte de uma única ação comum, que é ação de Cristo e da Igreja” (GRILLO, 2018, p. 157).

Essa é, na verdade, a finalidade última da Eucaristia, a nossa transformação em corpo eclesial. Como escreve Francisco Taborda (2009, p. 43): “a Eucaristia visa à nossa ‘transubstanciação’ no corpo eclesial de Cristo”. Essa circularidade entre Liturgia e a Igreja tem o seu fundamento no mistério pascal de Cristo, pois, “na comunhão no *corpo místico que é o sacramento*, somos escatologicamente transformados no *corpo de Cristo que é a Igreja*” (GIRAUDO, 2003, p. 560).

6 “É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da Liturgia exige e à qual o povo cristão, ‘raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido’ (1 Pd 2,9;2,4-5), tem direito e obrigação, por força do batismo” (SC. n.14).

3. A Sagrada Liturgia como “escola” de sinodalidade

Confiar à Liturgia a “educação” à sinodalidade da Igreja é uma forma concreta de acreditar que a lei da oração é a lei da fé (*Lex orandi, lex credendi*). Conforme afirma Andrea Grillo (2018, p.16), “a verdadeira prioridade consiste em *confiar aos ritos um papel decisivo na formação do sujeito cristão*.” Ou ainda nos recorda o Papa Francisco: “a Celebração dominical oferece à comunidade cristã a possibilidade de ser formada pela Eucaristia” (DD, n.65). Assim como Elias a caminho do Horeb (1Rs 19,1-8), também nós somos convidados a comer e beber da mesa da Sagrada Liturgia, para encontrarmos força e inspiração para trilharmos o longo caminho de unidade e comunhão, todos juntos, num estilo sinodal o qual a Igreja é chamada a fazer nesse início de milênio.

Na carta encíclica sobre a Eucaristia, São João Paulo II afirma que “a Eucaristia *cria comunhão e educa para a comunhão*” (EE, n. 40). Nota-se que o papa não diz apenas que a Eucaristia é capaz criar comunhão, mas afirma também que ela nos educa para a comunhão. Neste sentido, parece não haver dúvidas de que é em torno dessa Mesa que aprendemos a ser uma Igreja sinodal. Como afirma o Papa Francisco,

A fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros. Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias (LF, n.40).

Se a liturgia é uma “escola” de sinodalidade. Se ela de fato tem essa “força educadora” para os discípulos e discípulas de Jesus. Faz-se necessário cuidar não somente da formação litúrgica de todo povo fiel de Deus, mas também de deixarmos-nos formar a partir da liturgia. Isso se faz não decorando algumas rubricas e normas, mas dando atenção a cada rito, cada palavra e símbolos que nos conduzem para o mistério pascal celebrado. Como afirma Grillo, (2018, p. 36), “a ‘educação litúrgica’ se torna um limiar decisivo para que seja dado ao cristão uma inteligência sensível e uma sensibilidade inteligente em torno do que é experiência do Evangelho. De alguma maneira, somente quando celebra, a Igreja está à altura dessa sua verdade elementar.”

Deixar-nos formar pela liturgia é vivenciar a ministerialidade da Igreja⁷. É redescobrir a arte de celebrar, que não é meramente algo a ser executado por

7 Andrea Grillo critica a educação litúrgica subordinada a uma leitura clerical da Igreja. “Essa confusão entre presidência e celebração – que parece não ter sido ainda superada sequer pela autoridade eclesial mais ‘competente’ no

quem preside, mas “atitude que todos os batizados são chamados a viver ao realizar unanimemente “os gestos e palavras que pertencem à assembleia. [...] Realizar todos juntos o mesmo gesto, falar todos juntos a uma só voz, transmite aos indivíduos a força de toda a assembleia. [...] Não em atitudes individualistas, mas na consciência de ser um só Corpo (DD, n.52).

Faz-se necessário, pois, essa confiança na liturgia que nos educa e nos ajuda a criar uma nova consciência de Igreja. Conforme afirma Andrea Grillo (2018, p.171), “educar à liturgia, deixar-se educar pela liturgia, aprender de novo um ato de culto no qual não estamos a sós diante de Deus, mas estamos com Cristo, numa comunidade, no povo de Deus: esse é o grande objetivo para o qual a Reforma litúrgica apontou o olhar de todos.”

Quiçá sejamos humildes e ousados para aprender, a partir da celebração dos sacramentos, e de modo muito particular, da Eucaristia, este estilo sinodal da Igreja ser, redescobrimo a cada dia o valor da comunidade e a alegria de ser Povo fiel de Deus.

Considerações finais

Ao analisar a questão da celebração dos sacramentos numa igreja sinodal, percebemos que não podemos separar a liturgia da Igreja. Como afirma Bernard Sesboüé, “comungar na Igreja, com a Igreja e da Igreja, é ser membro dela: comunhão eucarística e comunhão eclesial estão estreitamente interligadas” (SESBOÜÉ, 2009, p.157). Neste sentido, para trilharmos o caminho de uma Igreja sinodal, que seja capaz de transformar os costumes, os estilos, a linguagem e toda a estrutura eclesial em perspectiva da evangelização,⁸ faz-se necessário um olhar atento para o modo como celebramos os mistérios da nossa fé. Ele tem muito a nos ensinar.

Nota-se que se por um lado, a liturgia reflete um modo de compreender a Igreja, ou seja, a liturgia parece ser “filha” da eclesiologia, por outro lado, podemos dizer que a eclesiologia também aprende com a liturgia, o modo de celebrar educa à fé e ilumina a nossa compreensão sobre a Igreja, neste sentido, a liturgia se apresenta com “mãe” da eclesiologia. Noutras palavras, “é a liturgia que manifesta a Igreja e, ao mesmo tempo, é a Igreja que se constrói, cresce e se desenvolve até o seu cumprimento por meio da liturgia” (PARANHOS, 2022, p.14). Parafraseando Grillo poderíamos dizer: *a liturgia educa e reforma a Igreja*⁹ em seu caminho de conversão sinodal.

assunto – demonstra muito claramente como a nova demanda de ‘educação litúrgica’ (obviamente bem compreendida), inevitavelmente, envolve uma releitura da Igreja em termos de ‘assembleia litúrgica’ e de ‘comunidade celebrante’, que à luz da Sacrosanctum Concilium, n.14. constitui um dado elementar e primário de toda verdadeira experiência eclesial” (GRILLO, 2018, p. 25).

8 O Papa Francisco fala do sonho de uma transformação missionária da Igreja em perspectiva da evangelização e não de uma mera autopreservação (EG, n. 27).

9 Andrea Grillo fala a respeito dos ritos. “Os ritos educam e reformam a Igreja: essa é a consequência da nova consciência” (GRILLO, 2018, p. 170).

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Introdução Geral do Missal Romano e introdução ao Lecionário*. 8º ed. Brasília: CNBB, 2023.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium: sobre a Sagrada Liturgia*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2022.
- FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*: sobre a fé. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. Brasília: CNBB, 2018.
- PARANHOS, Washington. *Liturgia e eclesiologia: fragilidade e força da Igreja que celebra*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- PIO XII. *Mediator Dei*: sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulus, 1948.
- SESBOÛE, Bernard. *Pensar e viver a fé no Terceiro Milénio: sacramentos credíveis e desejáveis*. Coimbra: Coimbra, 2009.
- TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.